



A Baboã
Virogem

SCDAIKO

“A Babá Virgem”

Escrito por SC Daiko

Copyright © 2018 SC Daiko

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Nelson Leonel De Benedetti

Design da capa © 2018 Letitia Hasser

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube
Inc.

Sumário

Página do Título

Página dos Direitos Autorais

A Babá Virgem

Para Trendera e Fiona, com gratidão.

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZOITO

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

BIOGRAFIA DO AUTOR

OUTROS LIVROS

A BABÁ VIRGEM
SC DAIKO

Direitos autorais © SC Daiko 2017

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão por escrito do autor.

Esta é uma obra de ficção. Os locais são uma mistura de real e imaginário. Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou quaisquer eventos, é coincidência e não pretendida pelo autor.

A linguagem usada neste livro é o português escrito e falado no Brasil

Design da capa RBA Designs

Edição de conteúdo Trender Lundin

Todas as perguntas para scdaiko@gmail.com

Para Trender e Fiona, com gratidão.

CAPÍTULO UM

GABE

A PORTA para o escritório se abre, e eu olho por cima do meu laptop enquanto Luke explode na sala. Eu mostro um sorriso para ele, meu olhar percorre seu cabelo loiro escuro bagunçado, barba por fazer e ombros largos. Ele se aproxima da minha mesa. “Alguma sorte?”

“Eu estava prestes a verificar”, eu digo, mudando de posição na minha cadeira para aliviar o formigamento repentino nas minhas bolas. Eu poderia pegá-lo aqui e agora, dobrá-lo e foder seu cuzinho apertado até que ele atire sua carga em minhas mãos ansiosas... mas não há tempo.

Ele fica em pé atrás de mim e olha por cima do meu ombro enquanto eu escaneio a lista de candidatos enviada por e-mail para mim pela agência. Respiro seu aroma fresco, limpo, como a brisa do oceano. “Vou imprimir para que possamos dar uma olhada depois do jantar”, eu digo, clicando no ícone apropriado.

Eu giro para encará-lo enquanto a impressora geme. Enlaço meus braços ao redor de sua cintura. “Estou duro para você,” eu gemo, minha voz profunda e rouca.

“Você está sempre duro para mim,” ele ri.

“E você não está para mim?”

“O que você acha?” Ele pega minha mão e a segura contra seu pênis rígido; meu próprio pau se contorce em resposta.

“Gabe? Luke?” Uma voz ecoa. É Abi com os meninos. Ela trabalha num turno de doze horas, das sete da manhã às sete da noite de segunda a sexta-feira. Abi fica no último andar da nossa casa de Kensington, e tem sido nossa babá desde que Matty nasceu há pouco mais de três anos. Discreta e eficiente, ela é uma garota rechonchuda com cabelos castanho-claros e modos sossegados. É uma pena que ela esteja saindo para se casar e se mudar para a Escócia; será muito difícil substituí-la.

Luke pula de trás de mim quando ela entra na sala, e seu belo rosto se abre em um sorriso que ilumina o universo. Ele estende os braços e Matty se lança para eles. Abi me entrega Jack; Eu fico de pé e balanço-o sobre a minha cabeça, liberando uma cascata de risadas de meu filho de um ano de idade.

“Eles jantaram,” ela anuncia com sua voz objetiva. “A mamadeira de dormir de Jack está pronta no berçário.” Ela passa as mãos pelos quadris amplos. “E o banho deles está correndo. Então, se isso for tudo, eu vou para o meu quarto. Nós tivemos um dia agitado e estou quebrada.”

“Sim, sim, vá,” digo a ela. “Vamos assumir agora.”

É a nossa rotina habitual e estou confortável com isso. Depois que banhamos os meninos e os vestimos com seus macacões, Matty me implora por uma história de hora de dormir. Biologicamente ele é filho de Luke, e a semelhança é extraordinária. Nós usamos a mesma mãe de aluguel para ambos os nossos meninos, jogando uma moeda para escolher quem iria primeiro. Luke venceu, e esperamos até que Matthew completasse dezoito meses antes de eu ter meu “turno” para encher a seringa de inseminação.

Jack está deitado relaxado nos braços de Luke, sugando avidamente sua mamadeira. Seus cílios escuros repousam sobre suas bochechas arredondadas; ele abre os olhos azul-bebê, fixando-os nos de Luke. A confiança me atinge toda vez... e o amor incondicional. Algumas pessoas criticaram Luke e eu por ter filhos sem mãe na foto, mas eu cresci sem uma mãe e isso não me causou nenhum mal. De qualquer forma, a mãe biológica dos meninos, Sharon, visita uma vez por semana. Foi uma de suas condições para a sub-rogação.

“Papai”, lamenta Matty quando termino de ler *Estamos indo em uma Caça ao Urso* para ele, “você pode me ler outra história?”

“Não esta noite, filho.” Eu faço questão de olhar para o meu relógio. “Já é hora de dormir.”

Seu lábio inferior treme, mas ele suspira e se acalma. “Amanhã?”

“Claro.”

Jack já adormeceu; Luke o levanta em seu ombro e o leva através do quarto até o berço. Depois que coloquei Matty em sua cama, envolvendo-o ele em seus ursinhos e cobertor de conforto, nós dois o beijamos, em seguida, ligamos a luz noturna e deixamos a porta entreaberta, do jeito que ele gosta... mesmo que o ouçamos chamar através do monitor se ele precisar de nós.

Lá embaixo, na cozinha, no andar de baixo, Luke começa a picar cebolas para fazer um molho de macarrão e eu tiro a rolha de uma garrafa de Chianti. Nossa casa é alta e estreita, cinco andares, pagos com nosso sangue, suor e lágrimas... eu como sócio sênior em um escritório de advocacia, e Luke com seu trabalho como artista de efeitos especiais na indústria cinematográfica de pós-produção.

É uma noite morna de Julho, então abro as portas do pátio. Os sons de Londres reverberam no ar... aviões indo em direção a Heathrow, sirenes de carros da polícia, trânsito, tudo intercalado com o canto dos pássaros noturnos. Nesta época do ano, não escurece até as dez da noite. Eu ponho a mesa e sirvo-nos uma taça de vinho. Oreo, nosso gato preto e branco castrado, serpenteia entre as minhas pernas, ronronando; eu acaricio seu pêlo sedoso e ganho uma cabeçada em troca.

Luke aparece com duas tigelas de espaguete à bolonhesa; mergulhamos nelas e comemos avidamente em silêncio sociável. Abi sempre come com os meninos, e eu suspeito que ela tenha uma coleção de salgadinhos em seu quarto para mantê-la funcionando. Pensar nela me dá uma pontada de

preocupação. E se não conseguirmos encontrar uma substituta adequada?

“Onde está essa lista de candidatas?” Luke pergunta, como se estivesse lendo minha mente.

“Deixei no estúdio,” eu digo, limpando nossos pratos e enchendo a tigela de Oreo com comida de gato seca. “Vou buscá-la.”

Em poucos minutos, retorno e examinamos os detalhes de cinco garotas diferentes. Há uma que chama minha atenção imediatamente. Vinte e dois anos de idade, a mesma idade de Abi quando ela começou conosco. Um ano de experiência com uma família americana em Notting Hill. Eles estão voltando para os Estados Unidos, e é por isso que ela está procurando um novo emprego. Entrego a informação ao Luke. “Essa garota. Eleri Thomas. Eu gosto da aparência dela. Ela está cuidando de meninos gêmeos com dezoito meses. E ela gosta de gatos.”

Ele olha para a foto da garota e seu sorriso mostra as covinhas nos cantos da boca. “Ela parece legal... como açúcar e tempero.”

Pego a página de volta dele. O rosto de Eleri é pálido, seu cabelo escuro ondulado na altura dos ombros. Ela está vestindo uma blusa branca e está olhando diretamente para a câmera. Nada parecido com o tipo de garota que Luke e eu convidamos para a nossa cama de vez em quando. O que é bom. Nós deliberadamente escolhemos Abi já que ela não nos tentaria. Apesar de estarmos comprometidos um com o outro cem por cento, Luke e eu gostamos de apimentar nossas vidas sexuais compartilhando uma mulher disposta e transando com ela juntos. Nós certamente não quereríamos foder nossa babá; além da ética, tornaria a vida complicada demais.

Pensar em sexo me fez sentir excitado. Coloco os detalhes da garota no balcão da cozinha. “Vou mandar um e-mail para

a agência amanhã,” digo, dando a Luke um olhar carente. “Vamos para a cama.”

LUKE

EU FECHO AS portas do pátio e checo a portinhola do gato para que Oreo possa entrar e sair. Ele é um animal bem-humorado, aceitando que Matty o carregue por aí como um brinquedo fofinho, mas ele precisa de sua independência à noite. Obrigado, porra, por morarmos em uma rua tranquila e não precisarmos nos preocupar muito com ele acabar debaixo de um carro.

Gabe já se despiu antes de eu entrar no nosso quarto. Dou uma olhada em seu corpo perfeito: abdominais e peitorais tonificados por exercícios diários. Ao contrário do meu próprio cabelo loiro escuro desgrenhado, o de Gabe é quase preto e bem cortado. Ele nunca ostenta mais do que um dia inteiro de barba por fazer, ao passo que eu evito minha navalha bastarda como evito ir ao maldito dentista. Seus olhos azul-escuros se travam nos meus verdes, e seu sorriso é cheio de luxúria.

Nós nos beijamos, nossos lábios se entrechocando, sua língua procurando a minha e puxando-a para sua boca quente. Ele empurra meus ombros, e eu sei o que ele quer. Seu pau está duro como ferro e se esforçando contra mim. Eu deslizo pelo seu corpo até que eu esteja de joelhos. Foda-se, seu pau é lindo... grosso, com veias e pronto para mim.

Ele cruza suas pernas e eu o chupo na minha boca, meu próprio pau com piercing latejando enquanto provo seu líquido salgado. Deslizo minha língua através de sua cabeça,

afundando mais profundamente sobre ele, pressionando firmemente contra a parte de baixo.

Ele geme e desliza as mãos no meu cabelo, inclinando seus quadris e empurrando mais de sua espessura na minha boca. Eu abro para ele e pego o que ele me dá. Ele começa a empurrar profundamente e com firmeza, a cabeça de seu pau contra a parte de trás da minha garganta, suas bolas batendo contra o meu queixo.

Ele se retira e eu respiro profundamente, pronto para chupá-lo novamente. Mas ele me puxa para cima e me beija. “Tire suas roupas, tigre. Eu quero você nu.”

“Sim, senhor,” digo entristecido, saindo da minha calça jeans e boxers.

Ele tira minha camiseta e me puxa contra ele. Nós nos beijamos novamente, nossas línguas deslizando juntas, nossos paus rígidos. Estendo a mão para segurá-lo, e seu pau contorce na minha mão enquanto ele solta um gemido. Ele agarra meu eixo, empurrando e puxando e esticando meu comprimento. Eu o solto com um suspiro, o anel do meu Príncipe Albert pressionando contra sua mão enquanto aperto sua bunda linda. Ele solta meu pau para segurar minhas nádegas, e nossos paus procuram um ao outro, se enroscando enquanto balançamos um contra o outro, carne dura contra carne dura, uma dança frenética de quadris e paus.

Foda-se, isso é incrível.

Minhas bolas apertam e um formigamento centelha através delas. “Eu vou gozar, Gabe.” Eu me esfrego nele.

Seu pau empurra contra o meu e ele explode com um silvo, sua porra atirando no meu abdômen inferior. Eu grunho e empurro, meu pau deslizando no escorregadio de sua descarga, e então eu estou lá também, derramando sobre ele enquanto surfo a onda.

Esmago minha boca na de Gabe antes de aprofundar o beijo, apreciando a sensação dele, desse homem, meu amante e melhor amigo. “Acho que é melhor tomarmos um banho,” eu digo, afastando-me dele.

“Você achou certo,” ele sorri. “Garoto sujo.”

MAIS TARDE, DEITADOS em nossa cama king-size, corro minha mão por seu peito liso. “Eu te amo. Você sabe disso, não sabe?”

“Sim,” ele respira. “E eu te amo também. Desculpe se eu não digo isso com frequência. Você me conhece. Rigidez no lábio superior e tudo mais.”

Sua respiração diminui e logo ele está dormindo. Beijo seu ombro, e ele suspira em seu sono, me puxando para perto.

Encontrar Gabe foi a melhor coisa que aconteceu comigo. Em nossos trinta e tantos anos, já estamos juntos há oito anos, curando a dor que sofremos em relacionamentos fracassados. O meu com uma mulher cuja carreira era mais importante para ela do que começar uma família, e o dele com um cara que o deixou por um babaca sarado de Brighton.

Foi o destino que nos uniu, um encontro casual no Bar Beaufort no Savoy. Somos de diferentes extremos do espectro social, você poderia dizer. Gabe estava tomando um coquetel de champanhe e eu pedi uma caneca de cerveja. O pai de Gabe é um conde e Gabe está prestes a herdar o título, não que você perceba se você não tivesse sido informado; Gabe é totalmente desprezioso.

Fecho meus olhos, tentando limpar minha mente de pensamentos para que eu possa dormir... amanhã eu tenho que atravessar uma tonelada de trabalho. Espero que essa

nova garota funcione... isso é se a aceitarmos; não é toda garota que pode gerenciar uma configuração como a nossa.

CAPÍTULO DOIS

ELERI

EU SAIO DA estação de metrô, e sigo as instruções no meu telefone, meus saltos batendo na calçada. Esta parte de Londres é ainda mais chique do que Notting Hill, onde atualmente sou babá. As casas pelas quais estou passando custam milhões, eu sei de fato, e as pessoas que vivem nelas estão muito fora do meu alcance. Então, novamente, não espero que eu me misture com os gostos dos meus empregadores. Eu sou apenas pessoal, ajuda contratada, seja o que for, vivendo no apoio de suas vidas, cuidando de seus filhos enquanto eles saem para trabalhar e entregando-os à noite e nos fins de semana. Sem preocupações com isso.

Na minha mão estão os detalhes enviados por email para mim pela agência. Antes de enviarem minhas informações para o Visconde Gabriel Aldridge e o Sr. Luke Addison, eles me perguntaram se eu me importaria de trabalhar para dois homens gays. Bem, eu não me importo nada. Longe disso. Mesmo assim, minha barriga está tremendo de nervosismo. Eles vão gostar de mim? E, o que é mais importante, seus filhos vão?

Saio da Kensington High Street para uma rua lateral, e logo estou na frente da casa alta e estreita deles, parte de um terraço de propriedades semelhantes. Subo os degraus e aperto a campainha, meu coração batendo forte.

A porta se abre e lá está o que eu só posso chamar de Adonis. Seus olhos verdes brilham quando ele sorri, e na

verdade há covinhas, *covinhas!* nos cantos de sua boca. Ele está vestindo jeans pretos apertados, uma camisa branca e um paletó preto solto. Eu olho para ele, e um rubor estúpido faz minhas faces ficarem quentes.

“Eleri, eu presumo?” ele pergunta com uma voz profunda.

“Sim, é *El air y*, no entanto. Você enfatiza o “air” quando pronuncia.” E eu me vejo corando novamente.

Ele ri, uma risada contagiante, e eu rio com ele para esconder meu constrangimento. “Eu amo nomes galeses,” ele diz, me conduzindo ao corredor. “E o sotaque fofo. Eu sou Luke Addison, a propósito. Apenas me chame de Luke.”

Se minhas bochechas estavam quentes antes, elas estão queimando agora. Deus, eu sou tão idiota. Só porque um homem diz algo bom para mim não deveria me deixar tão vermelha.

Eu o sigo através do corredor de azulejos pretos e brancos, através de uma porta aberta e entro em uma sala de estar... que parece que poderia estar em uma daquelas revistas de decoração para casa. Há sofás brancos de plush em forma de L em frente a lareira. Paredes brancas, cortinas e tapetes vermelhos e uma mesa de café preta.

Um homem de aparência severa se levanta de onde está sentado em um dos sofás. Ele é mais alto que Luke alguns centímetros e tão bonito quanto.

Cristo, Eleri, pare de cobiçar. Esses caras são gays. Fim.

“Eu sou Gabe,” o homem austero diz em um tom áspero. Seus olhos azul-escuros perfuram os meus e é como se eles estivessem prestes a me devorar para o jantar.

“Eleri,” eu digo com uma voz trêmula, estendendo a minha mão. “Prazer em conhecê-lo.” Ele é um visconde, um aristocrata, eu deveria reverenciar? Não, eu digo a mim mesma. *Não seja boba!*

Seu aperto é firme e quente, mas seus olhos continuam a comer os meus; eles são incrivelmente profundos, como o oceano, emoldurados por cílios negros e grossos. Ele está usando o que parece jeans azuis, uma camiseta viola de algodão creme e um paletó preto parecido com a de Luke. “Sente-se, Eleri,” ele indica o sofá. “Conte-nos o que fez você decidir se tornar uma babá.”

Eu me sento na beirada do sofá de frente para a lareira, e solto minha lengalenga sobre amar crianças e gostar da graduação em primeira infância que estudei na universidade. Luke, sentado no mesmo sofá que eu, com as pernas longas esticadas na sua frente, ouve atentamente.

“Por que Londres?” ele pergunta, direto ao ponto. “Quero dizer, deve ser uma grande mudança do País de Gales.”

“Eu amo a energia desta cidade,” eu bajulo. “Não me entenda mal. Eu sou galesa da cabeça aos pés, só queria tentar algo diferente.” Guardo para mim o fato de que os salários de Londres são muito mais altos do que o que eu poderia ganhar de volta para casa. Não quero ser considerada uma caçadinho.

Gabe fica de pé e eu não posso deixar de notar como o corpo dele é poderoso. “Nós organizamos para você passar algumas horas com Abi e os meninos. Confiamos na opinião dela implicitamente no que diz respeito aos nossos filhos. Ela nos informará depois que você sair e nós enviaremos um e-mail quando chegarmos a uma decisão.”

A agência já havia me dito que isso faria parte da minha entrevista, então não estou surpresa. Eu tenho muitas perguntas, e será mais fácil perguntá-las à Abi.

Ela devia estar esperando na sala adjacente; ela aparece quase assim que Gabe vai buscá-la. Seu sorriso é amplo e acolhedor, e eu retorno o gesto. Ela me leva para os quartos dos meninos... um dormitório, banheiro e quarto de jogos no

quarto andar. “Podemos conversar enquanto eles mexem em seus brinquedos,” ela diz em um sotaque do norte. “Então, vou mostrar minha cama no topo da casa.”

DUAS HORAS DEPOIS, estou voltando para Notting Hill. Os garotos eram incríveis e acho que eles gostaram de mim. Eu amei o alojamento de Abi no loft; o quarto tem o dobro do tamanho do meu atual e o banheiro adjacente é luxuoso. Até o gato foi perfeito; ele sentou no meu colo, ronronando, e me deixou acariciá-lo enquanto Abi respondia a todas as minhas perguntas, me contando sobre o círculo de amigas babás dela... que não podia esperar para me conhecer e marcar encontros de brincadeiras com Matty e Jack. Mas quando perguntei sobre a mãe postiça, foi como se uma cortina tivesse descido sobre a expressão amigável dela. “Sharon é estranha. Mas você julga por si mesma. Talvez seja só eu.”

Concordei em reservar julgamento. Não pude evitar que um arrepio passasse pela minha espinha, e houve um leve peso na atmosfera... pelo menos até que Abi mudou de assunto e começou a me contar sobre Gabe e Luke.

“Eles são adoráveis,” ela disse. “O cúmulo da perfeição.” Então ela soltou uma bomba que me deixou boquiaberta. “Embora eles sejam totalmente comprometidos um com o outro, eles jogam nas duas pontas,” ela riu. “Uma noite, eu descí as escadas para pegar algo que eu tinha deixado na cozinha, e você pode imaginar a minha surpresa quando vi que havia uma mulher com eles e eles a estavam beijando... os dois.”

Minha mão voou para o meu peito. “Oh. Meu. Deus! Eles são bissexuais?!”

“Aparentemente. Fico feliz que eles não me viram, pois eu não saberia o que dizer.”

Lambi meus lábios secos, e ela deve ter pego meu olhar assustado. “Não se preocupe. Isso não acontece com

frequência, até onde eu sei. Afinal, eu estou com eles há três anos e só vi essa vez. Eles são muito discretos sobre isso.”

Eu ri e contei uma piada sobre perturbar suas orgias, exceto que agora o pensamento disso está me fazendo sentir uma sensação quente e formigante entre minhas coxas.

GABE

LUKE ENTRA NA cozinha depois que levou a menina até a porta da frente e foi checá-la com a nossa babá. “Ela é perfeita de acordo com Abi. Acho que encontramos uma vencedora. Vale a pena tirar a tarde de folga.”

Eu franzo a testa. “Você não acha que devemos entrevistar mais alguém, só para ter certeza?”

“Não. Para que?” Ele encolhe os ombros. “Você gostou dela, não gostou?”

“Ela parecia bem, suponho. Vamos dar a ela um mês de liberdade condicional, vamos? Caso ela não dê certo.” Eu me inclino para trás no sofá e cruzo os braços. “Você não tem tesão por ela, tem? Ela é muito mais atraente que a Abi. Sua foto não fez justiça a ela.”

Ele levanta as mãos. “O que? Moi? Gostar daquela doce menina?” Ele sorri.

“Mantenha seu pau dentro das suas calças, tigre,” eu rosno. “Nós NÃO transamos com a equipe.”

“Uau! Você não precisa se preocupar com isso. Ela provavelmente correria um quilômetro se nós sugeríssemos isso.”

“Tenha isso em mente.”

Meu pau de repente ficou duro, eu mudo de posição no meu lugar. A garota, Eleri, vestia uma saia curta revelando

pernas bem torneadas, e sua blusa justa mostrava o contorno de seus seios fartos. Ela usava o mínimo de maquiagem, até onde eu saiba. Seus cílios pareciam naturalmente escuros e ela não precisava de nenhum delineador para acentuar a cor castanha de seus olhos... olhos que estavam cheios de nervosismo, mas também uma determinação silenciosa. Uma beleza natural e uma disposição amável; a combinação tinha sido encantadora. Sinos de alerta soam em minha cabeça.

Nas raras vezes que Luke e eu sentimos desejo por alguma vagina, visitamos o Clube Candid no Soho. Meu primo, James, recomendou para mim. É um clube de sexo onde a discrição absoluta é garantida. Apenas uma vez nós trouxemos uma mulher para casa de lá, e isso foi apenas porque o alarme de incêndio disparou antes de termos curtido o triângulo.

Esfrego meu queixo; Eu poderia sugerir a Luke que visitemos esta noite, pedir a Abi para tomar conta. Mas não, isso seria admitir que Eleri me afetou... a última coisa que quero admitir.

CAPÍTULO TRÊS

ELERI

O TAXI ME DEIXA às oito da manhã, duas semanas depois da minha entrevista. Abi vai ficar alguns dias para que os meninos possam se acostumar comigo, e então eu vou ficar sozinha. Puxo minha mala de rodinhas pelos degraus, a excitação efervescendo na boca do meu estômago. Não posso esperar para começar este trabalho; é tudo em que tenho pensado desde a minha última visita. Fiquei triste em dizer adeus à família para a qual trabalhei o ano passado, especialmente aos gêmeos, mas me preparei para não me apegar muito a eles. É algo que a agência nos alertou a respeito... a necessidade de sempre se comportar como uma profissional.

Abi abre a porta da frente antes mesmo que eu possa apertar a campainha. Jack balançava em seu quadril e Matty se agarrava à sua longa saia hippie, ela sorriu para mim. “Entre! Chegou bem a tempo do café da manhã dos meninos.”

Deixo minha mala no corredor. Há fotos emolduradas de meus novos chefes com seus filhos, alinhando as paredes, e é óbvio que Matty é de Luke, pois ele tem a mesma coloração clara, enquanto o cabelo de Jack é escuro como o de Gabe.

Sigo Abi até a cozinha onde ela me entrega o bebê Jack. “Você poderia colocá-lo em sua cadeira alta, querida?” Ela diz, levantando Matty em seu assento elevado na mesa. “Chá ou café? Você gostaria de um pouco de torrada?”

“Eu adoraria uma xícara de chá, por favor. Sem torradas, já comi antes.” Olho para as bancadas brancas reluzentes e os acessórios feitos sob medida. Outra sala digna de revista nesta linda casa. Gabe e Luke têm excelente gosto. Abi mencionou que há uma equipe de profissionais de limpeza que chega todas as manhãs e vasculha o local de cima para baixo. Graças a Deus por isso, ou eu ficaria com medo de estragar tudo. Na verdade, acho que posso ouvi-los agora, aspirando as escadas.

Abi me entrega uma tigela de cereal mole e duas colheres. “Jack gosta de se alimentar, mas você pode usar a segunda colher para lhe dar uma mão.”

“Sim, o mesmo com os meninos que eu tenho cuidado em Notting Hill,” digo a ela. “Mas eles costumavam ter um ovo com torradas no café da manhã, não cereais.”

“Ainda bem que você está me seguindo para se acostumar com a rotina de Matty e Jack,” ela sorri, colocando fatias de pão na torradeira.

Limpo um resto de cereal escorrendo pelo queixo de Jack com a minha colher. “Existe algo que eles não comem?”

“Nenhum deles gosta de legumes cozidos,” ela dá de ombros, entregando-me uma caneca de chá. “Mas eles não se importam se eu misturá-los em uma sopa saborosa.”

“Boa idéia. Eu farei o mesmo.” Eu gosto de cozinhar, e não posso esperar para experimentar minhas receitas nos meninos. E talvez nos pais deles também? “Você já cozinhou para Gabe e Luke?” Eu pergunto.

Seus olhos se arregalam em evidente surpresa. “Eu sou uma babá, não uma empregada doméstica, querida. Eles cozinham para si mesmos.”

Engulo o pedaço de decepção na minha garganta. Eu estava esperando impressioná-los com minhas próprias receitas. “Eu fiz algumas coisas para meus últimos empregadores,” digo a ela. “Não regularmente, veja bem. Mas

às vezes eu acidentalmente de propósito fazia demais para o jantar das crianças, e Jenna estava feliz em servir para ela e seu marido mais tarde. Isso os poupava de ter que cozinhar depois de um dia atarefado no trabalho.”

“Não tenho certeza se Gabe e Luke gostariam de comida das crianças,” Abi graceja, passando manteiga na torrada. “Não há mal em tentar, suponho.”

Meus ombros caem. Eles provavelmente têm gostos muito mais sofisticados do que estou acostumada. “Talvez não, então. Como você diz, eles provavelmente odiariam.”

Termino meu chá e coloco o último cereal na boca de Jack antes de limpar o rosto dele, fazendo-o soltar um gritinho. Cheiro o ar e sinto o cheiro de uma fralda suja. “Você gostaria que eu mudasse esse jovem?” pergunto.

“Boa idéia, vamos levar sua mala para o quarto de hóspedes no caminho. É no mesmo andar que o de Luke e Gabe. Eu ia sugerir colocar um colchão no chão do meu quarto, mas meu ronco pode mantê-la acordada,” ela ri, levando os pratos dos meninos para a pia.

Sua sinceridade é atraente e eu rio com ela. “Eu provavelmente ronco também,” digo, soltando Jack e levantando-o para fora de sua cadeira alta. “Deixe-me lavar.”

Eu o coloco no chão e ele se levanta, usando a perna da mesa para se equilibrar. Ele dá alguns passos antes de se deitar de costas. Eu me inclino e o pego de novo enquanto Abi já está esfregando os pratos.

Oreo entra na cozinha, com a cauda para cima. Matty grita e pula de seu assento. Ele investe contra ele, agarrando-o em seus braços. Eu espero que Abi intervenha. Todos os gatos que eu conheci teriam suas garras para fora neste momento, mas não este. Ele se deita como uma boneca de pano e se deixa aconchegar. *Uau!*

Nós saímos da sala e Abi pega minha mala enquanto eu tenho Jack em meus braços. “Eu pensei que poderíamos fazer um piquenique em Kensington Gardens, mais tarde,” ela diz. “Minhas amigas babás vão estar lá e eu vou apresentá-la a elas.”

“Parece um plano,” eu sorrio.

ENCONTRAMOS o grupo de garotas perto da Lagoa Redonda, que não é redonda, mas retangular e mais um pequeno lago que uma lagoa. Há outras quatro babás: Rosie, Sophia, Grace e Claire. Sento-me em um banco do parque com Rosie e Grace, e observamos Abi e Sophia supervisionando as crianças de três e quatro anos jogando o pão que trouxemos conosco para alimentar os cisnes. Jack está empoleirado no meu colo, rindo deles. “Patinhos!” Ele bate palmas gordinhas e eu o abraço, ele é tão fofo.

Rosie, sentada ao meu lado com um bebê de quatro meses, dormindo no carrinho na frente dela, vira e me dá um sorriso. “Seus chefes são tão quentes.” Ela coloca uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha. “Eu os vi andando com os meninos aqui na semana passada.” Sua voz é bonita como ela. “Erm, você gostaria de sair no sábado? Nós poderíamos ir ao mercado de Camden e pegar algumas pechinchas nas bancas de roupas vintage.”

“Eu adoraria isso.” E eu faria. É um dos meus lugares favoritos em Londres. “Minha amiga Eva, que trabalha em Notting Hill, também pode vir se você não se importar. Ela está sempre pronta para uma expedição de compras.”

“Ótimo,” Rosie diz.

Matt puxa a saia de Abi. “Podemos ir ao País das Maravilhas, por favor?”

Ele está se referindo ao Parque Memorial Diana, construído em memória da falecida princesa e inspirado em Peter Pan. Nós partimos, empurrando os carrinhos de bebê, e